



Produção textual na formação docente em Ciências: possíveis contribuições do ciberativismo de mulheres cientistas em contexto adverso

Textual production in the teacher training in science: possible contributions of women scientists cyberactivism in an adverse context

Francisco Raule de Sousa^{1*} , Adriana Cavalcanti dos Santos^{1*} 

1. Universidade Federal de Alagoas  – Centro de Educação - Rede Nordeste de Ensino - Maceió (AL), Brasil

*Autor correspondente: raule.sousa@ufca.edu.br

Editores de Seção: Elton Casado Fireman , e Ivanderson Pereira da Silva 

Recebido: 12 Out. 2023 | Aprovado: 22 Dez. 2023

Como citar: SOUSA, Francisco Raule de; SANTOS, Adriana Cavalcanti dos. Produção textual na formação docente em Ciências: possíveis contribuições do ciberativismo de mulheres cientistas em contexto adverso. *Ensino & Multidisciplinaridade*, São Luís (MA), v. 9, n. 2, e1423, 2023. <https://doi.org/10.18764/2447-5777v9n2.2023.14>.

RESUMO

A discussão levantada neste artigo objetiva identificar as principais demandas da agenda das mulheres participantes de um evento *online* no canal Rede Brasileira de Mulheres Cientistas – RBMC. A partir das discussões apresentadas, serão elencadas possibilidades de reflexões sobre tópicos temáticos orientadores para o ensino de produção textual na formação inicial de docentes visando a construção de um currículo de Ciências focado no compromisso social. Por meio da análise qualitativa de natureza interpretativa, tomamos como dados a materialidade discursiva em um vídeo postado no *YouTube*, no canal da RBMC, sob a abordagem analítica da Análise Textual Discursiva (ATD). As categorias organizadas em iniciais, intermediárias e finais indicaram, respectivamente: organização retórica do evento, aspectos das identidades das mulheres nas apresentações pessoais e abrangência das temáticas apresentadas tanto no que se refere aos projetos em curso quanto aos desafios destacados pelas participantes das cinco regiões brasileiras. Como resultado, o metatexto aponta para discussões possíveis, no âmbito da produção textual, as seguintes questões: busca por equidade no que tange às relações de gênero, utilização do ciberespaço como recurso potente de mobilização social e de produção de saberes no espaço acadêmico, além de reflexões sobre linguagem e ensino de Ciências.

Palavras-chave: Escrita. Ciência. Gênero. Currículo.

ABSTRACT

The discussion raised in this paper aims to identify the main demands on the agenda of women participants in an online event on the Brazilian Network of Women Scientists channel – RBMC (acronym in Portuguese). Based on the discussions presented, possibilities for reflections on thematic topics guiding for the initial teacher training in textual production is going to list, with a focus on the construction of a science curriculum centered on social compromise. By means of the qualitative analysis of an interpretative nature, we take as data the discursive materiality in a video posted on YouTube, on the RBMC channel, under the analytical approach of Discourse Textual Analysis (DTA). The categories organized in initial, intermediate, and final categories indicated, respectively: rhetorical organization of the event, aspects of women's identities in personal presentations, and the comprehensiveness of the themes presented, both in terms of ongoing projects and the challenges highlighted by participants from the five Brazilian regions. As a result, the metatext aims at possible discussions in the area of textual production, including the following issues: pursuit for equity regarding gender relations, use of cyberspace as a powerful resource for social mobilization and knowledge production in the academic space, in addition to reflections on language and science teaching.

Key-words: Writing. Science. Gender. Curriculum.

INTRODUÇÃO

Ao protagonizarem discussões sobre problemáticas vigentes na sociedade, meninas e mulheres, como são comumente denominadas em alguns espaços de diálogos acadêmicos, encontram-se amparadas pela efervescência de discussões sobre a importância da presença feminina frente à construção de saberes e à ocupação de processos de tomadas de decisões. A circulação de produções autorais, a exemplo de projetos, invenções, descobertas, inovações científico tecnológicas e artigos científicos de eminente impacto para a sociedade, além de endossar a potencialidade intelectual de mulheres cientistas, visa galgar espaços de saber e de poder de modo que as contribuições dadas por elas sejam efetivamente reconhecidas.

Destacando-se como pauta crescente nas pesquisas ao longo das últimas décadas (Aguiar, 1997; Schiebinger, 2001; Guedes, 2022), a reivindicação do lugar da mulher na Ciência motiva a constante organização de painéis comunicativos acadêmicos conduzidos por professoras, pesquisadoras, alunas e outras agentes sociais que constituem as Instituições de Ensino Superior (IES) em diversos níveis de formação e área do conhecimento denotando o efeito da frase circulante na sociedade: “lugar de mulher é onde ela quiser”, sem que sejam preteridas ou subestimadas pela contundente presença masculina, sobretudo no campo acadêmico.

Somado a isso, as telas de dispositivos eletrônicos de comunicação têm se constituído como imprescindíveis para a realização dessas discussões. Nos últimos anos, a intensificação do uso do referido recurso foi motivada pela recorrência de atividades remotas durante o período de pandemia da SARS-CoV21, modalidade que segue sendo utilizada mesmo após o período crítico de contaminação. É notável a permanência da prática de realização de atividades remotas, o que faz das telas e do ambiente virtual um evidente palco de construção de conhecimento sobre temáticas diversas.

Nesse contexto, nos últimos anos, a realização de atividades que já existiam presencialmente e precisaram assumir novas modalidades, foram ampliadas. O caos da pandemia deflagrou outras demandas sociais e a criação de coletivos específicos focados em questões emergentes da sociedade que sofreu as agruras da pandemia e seus efeitos posteriores. A Rede Brasileira de Mulheres Cientistas, doravante RBMC, surgiu nesse momento de condições sanitárias adversas.

Assim, a questão que conduz o presente artigo traz como indagação: de que modo as materialidades discursivas registradas em um dos vídeos da RBMC podem contribuir para a formação inicial de docentes na área de Ciências Naturais? A partir disso, indicaremos como as demandas e reivindicações de mulheres cientistas podem figurar como tópicos temáticos para debates, geração de argumentos e produções acadêmicas na disciplina de produção textual fomentando o Letramento Acadêmico (Lea; Street, 2014), problematizando o currículo tradicional de Ciências (Martinez-Pérez, 2012) e fazendo com que as produções de mulheres cientistas circulem via proposições de temáticas no ensino de linguagem na formação de professoras e professores de ciências.

Para tanto, foi selecionado o vídeo intitulado: “Trabalhando por mais meninas e mulheres na Ciência e Tecnologias: experiências nas cinco regiões do Brasil”. Trata-se da apresentação de cinco projetos liderados e focados no público feminino visando estimular o interesse de acesso desse público às áreas específicas do conhecimento que são culturalmente lidas como atividades mais voltadas ao público trabalhador masculino, isto é, a área de Ciências Naturais, Tecnologia, Engenharias e Matemática.

Na seção a seguir, apresentaremos o aporte teórico centrado na emergência do ciberespaço como lugar de mobilização social e o modo como as mulheres, na diversidade de marcadores sociais que as atravessam, ocupam o ambiente da virtualidade. Dando sequência, serão destacadas as escolhas metodológicas para analisar as materialidades presentes no vídeo e, finalmente, dar-se-ão as análises tecendo as considerações que finalizam, parcialmente, as investigações e discussões sobre a temática.

1 O contexto adverso referido no título do texto é a pandemia. Além da compreensão de que inúmeros contextos adversos podem realizar movimento de resistência e criar novos modos de nos reinventarmos enquanto seres humanos. Optamos, porém, por não estamparmos o título com essa que tem sido a temática mais recorrente no último triênio.

VEM PARA RUA DO ALGORITMO: CIBERESPAÇO, CIBERFEMINISMO E MOBILIZAÇÃO SOCIAL

As transformações da sociedade são mediadas pelas novidades dos sistemas de comunicação emergentes. O fluxo de conhecimentos da humanidade é compartilhado de forma rápida e em grande quantidade, deflagrando em mudanças tecnológicas tanto nos mecanismos de suporte que alocam os conteúdos quanto nos processos de aprendizagem, na economia, política e cultura (Catells, 2015). Além disso, a reconfiguração da concepção de espaço tem se tornado cada vez mais fluída e estimulado pesquisas que buscam entender que outro lócus é esse que surge e reside nas telas dos eletrônicos, com interações tão diversas e dinâmicas, o chamado ciberespaço (Lemos, 2003; Santaella, 2003; Trivinho, 2007; Santos, 2014).

Em decorrência disso, a dinâmica de descentralização do saber é concebida no que se refere à criação de capilaridades diversas, lugar de intensificação da circulação de conhecimento. Cria-se, então, o que Martín-Barbero (2000) denominou como “ecossistema comunicativo”, ao apontar que “no ecossistema comunicativo no qual estamos imersos, o saber é disperso e fragmentado e pode circular fora dos lugares sagrados nos quais antes estava circunscrito e longe das figuras sociais que antes o administravam” (Martín-Barbero, 2000, p. 55). Ou seja, a dinâmica de construção do conhecimento passa a revelar cada vez mais a ausência de sujeitos detentores do saber.

No escopo dessas discussões, o conceito de ciberespaço emerge com apontamentos não menos interativos e móveis, entretanto, todas as perspectivas conceituais indicam pontos em comum, quais sejam: interação, sociedade, cultura e novas tecnologias. A partir das definições dadas pela reunião de autoras e autores (Lemos, 2003; Santaella, 2003; Trivinho, 2007; Santos, 2014), é possível desenharmos um panorama sucinto do que há de comum sobre o conceito. Reunindo-os, inferimos que se trata de um lugar mediado pelas novas tecnologias para reivindicar a possibilidade de existências diversas e a pluralidade das formas de conhecimento no que tange às interações das sociedades, culturas e formas autônomas de construção do conhecimento.

Em consonância com as definições apresentadas por Silva, Lira e Voss (2022), compreendemos que é possível a criação de “nichos de potencial revolucionário” (Silva, Lira, Voss, 2022, p. 3), mesmo considerando os algoritmos que regem as interações no ambiente virtual e sabendo que estes atuam a serviço do sistema capitalista vigente. Dessa forma, a manifestação de mulheres acontece também nas redes com a criação de novos coletivos, como a existência da RBMC e de outras agremiações virtuais que congregam mulheres com marcadores sociais diversos realizando suas reivindicações e enfrentamentos a despeito do que podemos chamar de policiamento algorítmico.

No que se refere às formas de manifestações e os sujeitos agentes desses movimentos, o ciberespaço fez surgir um outro conceito em circulação, trata-se do ciberfeminismo. Diversas vertentes do termo ciberfeminismo foram apontadas, conforme ressalta Albu (2017) ao afirmar que se trata de um conceito em disputa dentro dos debates da teoria feminista nas duas últimas décadas delineado como: filosofia, conexão entre mulheres e o ciberespaço, ferramenta de empoderamento, lugar de resistência, chamado para inclusão e solidariedade e até mesmo como utopia, assim, “todos esses diferentes significados e usos apontam para o ciberfeminismo como um projeto múltiplo, ainda em construção tanto no nível teórico quanto prático” (Albu, 2017, p. 1).

Na esteira da discussão sobre os referidos conceitos, elencar as concepções de ciberespaço e ciberfeminismo como espaço de “inclusão e solidariedade” (Braidotti, 1996; Wilding, 1998; Thelandersson, 2014) configura-se como aporte mais afeito e necessário ao presente trabalho analítico. Assim, esse nicho de potencial revolucionário (Silva, Lira, Voss, 2022) criado no ciberespaço tem como protagonistas mulheres ativistas do ciberfeminismo de modo que, é possível encontrarmos, na tela virtual, as vozes por elas emanadas expondo projetos e manifestações por justiça e equidade de gênero no espaço acadêmico. Entendemos que essas vozes podem ser replicadas em atividades de construção do conhecimento e implicar em responsabilidade social no currículo de Ciência em que pesem as considerações sobre a importância do desenvolvimento de habilidades críticas e capacidade de avaliar os impactos da Ciência e da tecnologia na sociedade (Martinez-Pérez, 2012), contribuindo assim com maior participação, engajamento e reconhecimento das mulheres na formação docente. A seguir, serão apresentados os passos metodológicos para a análise do vídeo.

METODOLOGIA

Conduzida a partir da abordagem qualitativa (Ludke; André, 2014), a presente pesquisa é de natureza interpretativa. Nesse sentido, é orientada pela capacidade interpretativa rumo à construção de novas compreensões alinhadas e fornecidas pelo fenômeno pesquisado. Como parâmetro de análise do *corpus*, foi utilizada a Análise Textual Discursiva – ATD (Moraes; Galiazzi, 2013). Trata-se de um processo analítico que valoriza a compreensão em detrimento da mera explicação de fenômenos sociais investigados ou da busca pela integral intenção dos interlocutores.

A ATD nos dá compreensão de que, enquanto pesquisadoras e pesquisadores, se nós nos transformamos, iremos, também, transformar o mundo, uma vez que, a partir da autotransformação, poderemos implementar outras dinâmicas de mudanças em nosso entorno. No que concerne às etapas de análise, o referido recurso metodológico contempla os seguintes processos: preparação das informações, unitarização, categorização (inicial, intermediária e final) e, por fim, um novo texto (ou metatexto) emerge, conforme abordam Moraes e Galiazzi, (2013). Todas essas fases se refutam à busca superficial de saber o que é certo ou o que é errado ou saber a verdade, ou seja, o empreendimento maior da ATD é, essencialmente, buscar saber o que se mostra na informação e quais compreensões são possíveis apreender delas.

Assim, lançamos o olhar para um movimento iniciado durante o período pandêmico, com foco no ano de 2022, quando um grupo de mulheres engajadas em atividades acadêmicas criaram um canal na plataforma de vídeo *YouTube* para trocarem conhecimentos e, segundo a carta de lançamento da RBMC² assinada por 3448 cientistas, viabilizarem a socialização de pesquisas científicas e outras ações que visassem refletir não apenas sobre as condições do coletivo de professoras e pesquisadoras, mas, principalmente, sobre a condição de todas as mulheres imersas na problemática sanitária que assolou o Brasil e o mundo. De modo objetivo, para efeito da etapa de preparo das informações, nos detemos ao conjunto da materialidade discursiva de um dos vídeos do canal da RBMC no evento *online* denominado: “Trabalhando por mais meninas e mulheres na Ciência e Tecnologia: experiências nas cinco regiões do Brasil³”.

O tempo de duração do vídeo é de cerca de 1 hora e 30 minutos e, após transcritos os textos das falas (organização das informações), realizou-se a identificação de unidades discursivas (unitarização) a qual indicou categorias referentes à organização retórica do evento, aspectos das identidades das mulheres nas apresentações pessoais e a abrangência das temáticas levantadas sobre os projetos apresentados e sobre os desafios indicados pelas mulheres nas cinco regiões brasileiras.

O critério de escolha do vídeo baseou-se na identificação de que o tema central oportunizaria uma amostra significativa das discussões sobre a atuação das mulheres na Ciência com demonstrações de experiências nas cinco regiões do Brasil, o que nos permitiu um panorama amplo da questão em discussão. No tocante aos critérios de exclusão, os demais vídeos não entraram na presente análise por possuírem conteúdo temático que necessitaria de aprofundamentos temáticos e teóricos alhures a nossa proposta, uma vez que o grupo de mulheres buscou trazer à baila temáticas diversas que assolaram a sociedade durante a pandemia. Em tempo, destacamos que o canal alberga questões relevantes para apontamentos analíticos futuros e em áreas e linhas diversas de pesquisas e que mantém suas atividades de eventos remotos atualizadas semanalmente. De modo que, a identificação das categorias emergentes do *corpus* que se apresenta como descrito no Quadro 1:

2 A carta de lançamento e outras informações sobre a Rede encontra-se disponível em: <https://mulherescientistas.org/>
3 <https://www.youtube.com/watch?v=h68gUQRv0IE&t=3612s>

Quadro 1 - Categorias identificadas

CATEGORIAS	ORDEM DE FALAS	EVIDÊNCIAS RETÓRICAS
Iniciais (Sororidade no âmbito acadêmico)	Apresentações iniciais - Mediação	Organização retórica do evento no que concerne às apresentações das participantes, suas filiações acadêmicas institucionais e de pesquisas bem como dos objetivos gerais da RBMC. Esses turnos de falas iniciais evidenciam a característica retórica da organização do gênero discursivo Mesa Redonda.
Intermediárias (Maternidade)	Apresentações das participantes	Maternidade: aspectos das identidades das mulheres observadas a partir das representações de suas identidades como mães e as implicações dessa marcação para o papel da mulher na Ciência
Finais (Desafios e Impactos)	Palavras finais	Indicada ao final dos turnos de falas das participantes, a terceira e última categoria alinha-se em diálogo explícito com as duas que a antecedem e congrega tópicos temáticos que oportunizam a reflexão sobre possíveis ampliações de circulação e incentivo de novas produções textuais acadêmicas.

Fonte: Elaborado pelos autores (2023)

Na última seção em que são articulados e apontados novos emergentes com foco nas possibilidades de ampliações de debates sobre as demandas figura a construção metatextual a fim de cumprir as prerrogativas da Análise Textual Discursiva, conforme aponta Moraes e Galiuzzi (2013), ao aludirem que: “todo o processo de análise textual discursiva voltar-se para a produção do metatexto” (Moraes; Galiuzzi, 2013, p. 33). A seguir, discorreremos de forma detalhada sobre a análise.

UMA ANÁLISE EM PLAY/PAUSE: VOCÊS ESTÃO ME OUVINDO BEM?

A presente seção de análise encontra-se assim intitulada fazendo alusão à ação de assistir ao vídeo analisado intercalando-o por constantes pausas para compreensão das informações e articulação teórica alinhada às categorias que emergiram do corpus. Durante o contexto adverso da pandemia, a pergunta “Vocês estão me ouvindo?” foi emitida recorrentes vezes nas aulas, com o intuito de consultarmos se nossas vozes, enquanto docentes, estavam sendo ouvidas na tela e no áudio das e dos interlocutores do outro lado da tela do dispositivo. De modo análogo, esta é também uma pergunta que reverbera nas vozes de mulheres que, de modo incansável, lutam para que suas vozes sejam ouvidas sem cortes e, para fazermos alusão ao pronunciamento proferido pela vereadora e ativista de Movimentos Sociais assassinada em 2018, Marille Franco, sem que sejam interrompidas.

Feitas essas elucidações sobre o tópico, passemos aos momentos iniciais de preparação das informações e de unitarização, processo no qual se pretende reunir um conjunto de unidades com significações próximas para, a partir delas, constituir as categorias (Moraes; Galiuzzi, 2013). Para tanto, inicialmente, isolamos tanto o texto da temática do vídeo quanto a ordem e os nomes das participantes dos eventos discursivos e, de igual modo, as instituições que representavam e os nomes dos projetos que estavam vinculadas, os quais seriam apresentados no vídeo.

A importância dessa organização se justifica pelo fato de seus turnos de falas estarem repletos de significações para a análise pretendida, como por exemplo, marcações sociais de suas pesquisas, instituições, conexões com coletivos da sociedade civil, marcações de identidade de gênero e público atendido pelos projetos, dentre outras contribuições para as etapas analíticas subsequentes. Além disso, a apresentação dos currículos denota a observância quanto à arquitetura retórica do evento no que concerne às apresentações das participantes e as instituições que elas representam. Esses turnos de falas iniciais evidenciam a característica retórica da organização do gênero discursivo Mesa-redonda, ou seja, apontando para a categoria 1, qual seja: sororidade⁴.

⁴ O termo *sisterhood* foi utilizado, inicialmente, nos anos 70 por Kate Millet, escritora, artista e ativista feminista. A partir de então, passou a ser amplamente estudado e divulgado. A antropóloga e política mexicana Marcela Lagarde define a sororidade como dimensão ética e política da prática feminista contemporânea pautada em relações de aliança existencial e política entre mulheres na busca pelo empoderamento vital de todas as mulheres (LAGARDE, 2006).

As participantes possuem formações que, recorrentes vezes, dialogam com as questões de gênero, ou seja, além das iniciativas dos projetos apresentados, têm pesquisas pautadas no engajamento de temáticas vigentes da sociedade que lhes atravessam enquanto mulheres e promotoras do conhecimento. Por exemplo, na Região Sudeste, além da articulação do projeto “Meninas Super Cientistas”, também são desenvolvidas como ações dois podcasts denominados: “Prato de Ciências” e “Oxigênio”. Na Região Sul, a professora que conduziu a apresentação é membro convidada do “Grupo de Trabalho Equidade de Gênero” promovido pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) além de ser cofundadora e coordenadora da Rede Brasileira de Mulheres na Energia Solar, a Rede MeSOL.

No tocante à Região à Região Nordeste, as experiências com a formação em gênero, Ciência e Tecnologia, além de conduzir as pesquisas da professora, oportunizou a criação de uma disciplina optativa que aborda o tema. A Região Norte apresenta a perspectiva de gênero na apresentação do projeto “Manas Digitais” como demanda e preocupação pungente com a inserção de meninas e mulheres no âmbito da computação por meio do Laboratório Interdisciplinar em Tecnologia Educação e Computação (LITEC). Por sua vez, a Região Centro Oeste apresenta a professora com formação em Física, coordenadora da Experimentoteca, possui projetos de extensão e pesquisa na área do ensino de física no monitoramento climático divulgação e popularização da Ciência.

Notamos, portanto, que as áreas de formação de mulheres em Ciências, Tecnologia, Engenharia e Matemática participantes da RBMC dialogam com temáticas relacionadas a condições de valorização da presença delas em contexto majoritariamente ocupado por homens. Além disso, a reunião de mulheres na Rede visa refletir sobre o impacto da pandemia em perspectiva de gênero e para dar visibilidade às mulheres em um momento de fragilidade do suporte da ciência no país na busca por qualificação de políticas públicas. O Quadro 2 destaca as informações principais de apresentação das participantes e indica suas formações alinhadas à proposta de demonstração das áreas que pleiteiam maior participação de mulheres.

Quadro 2 - Projetos e instituições apresentadas

PARTICIPANTE	PROJETO	UF	FORMAÇÃO
Ana Augusta Odorissi Xavier	Meninas Super Cientistas	UNICAMP	Farmácia e Tecnologia de Alimentos, Ciência de alimentos e pigmentos naturais. Jornalista de Ciência.
Aline Cristiane Pan	MeSOL	UFRGS	Física, Engenharia de Materiais, Energia solar fotovoltaica.
Carla Giovana Cabral	Formação em Gênero, Ciência e Tecnologia	UFRN	Ciências Naturais e Matemática, Estudos Feministas da Ciência e da tecnologia
Danielle Costa Carrara Couto	Manas Digitais	UFPA	Ciência da Computação, Engenharia Elétrica na área de Computação Aplicada, Genética e Biologia molecular com ênfase em bioinformática.
Eronidina Azevedo de Lima	Eureka: Meninas na Física	UnB	Física, coordenadora da Experimentoteca, possui projetos de extensão e pesquisa na área do ensino de física no monitoramento climático divulgação e popularização da ciência.

Fonte: Elaborado pelos autores (2023)

Analisando a organização retórica do evento no tocante à abertura, apresentação das filiações institucionais, atividades em curso e dos objetivos da RBMC, é importante destacarmos que se evidencia a parceria institucional de diversas regiões do Brasil e do exterior:

(1) Um evento muito importante, uma parceria do Centro de Estudos Brasileiros da Universidade de Oklahoma com a Rede Brasileira de Mulheres Cientistas e a Diretoria Executiva de Direitos Humanos da Unicamp. Estou, hoje, muito bem acompanhada por professoras de todas as cinco regiões do Brasil (Michelle Moraes, 2021)⁵.

O destaque nos permite compreender que o cerne da importância do evento reside, predominantemente, nas parcerias que ele congrega. Todas as instituições com temáticas que se complementam com foco e reflexões no território brasileiro e no debate sobre os Direitos Humanos, encontram-se unidas com objetivos afins. O movimento dinâmico entre dispersão de lugares físicos diversos e virtualmente em união, na tela, refletido nos termos: “parceria”, “rede” e “estar acompanhada” ressalta a acolhida do ciberespaço da RBMC como relevante na construção de novos saberes.

Apesar de destacarmos os termos “parceria”, “rede” e “estar acompanhada” como pontos importantes na análise do fenômeno de narrativas de mulheres que se congregam em um coletivo denominado Rede, salientamos que a percepção da ATD é de que palavras isoladas denotam pouco ou nenhum sentido para a emergência de novos saberes (Moraes; Galiuzzi, 2013). Entretanto, a semântica que as envolvem apontam para o contraste do momento de isolamento no contexto de pandemia e a importância da construção de redes de diálogos e de conhecimento que ultrapassem as fronteiras e o próprio impasse das restrições de compartilhamento de espaços físicos coletivos durante a pandemia.

Ainda nessa fala inicial, é destacado o momento crítico que motivou a criação do coletivo conforme mencionado a seguir:

(2) A rede foi criada com o objetivo de evidenciar o impacto da pandemia da Covid-19 numa perspectiva de gênero e colaborar para dar visibilidade à produção científica das mulheres no momento de restrição no suporte atenção no Brasil. Nós entendemos que nossa atuação como cientistas já produz conhecimentos relevantes para avançar no debate sobre um horizonte democrático e justo para o país e também para qualificar as nossas políticas públicas (Michele Moraes, 2021).

Oportunizar espaços colaborativos de produção científica de mulheres no que se refere às reflexões dos impactos da pandemia na perspectiva de gênero coaduna com os apontamentos da crítica feminista sobre a dimensão social da opressão das mulheres trazendo-a como questão fundamental. Nesta concepção, o que marca a mudança e o avanço nessa pauta é justamente o diálogo entre Justiça, Política Social e Gênero uma vez que, culturalmente, as pesquisas priorizaram mais as relações do homem com a natureza, do que a relação entre o homem e a mulher, as referidas afirmações são mencionadas por Connell (2014) no artigo *Questões de gênero e justiça social*. Assim, passamos para as discussões da categoria emergente 2, presente no vídeo: a Maternidade como marcação identitária e as implicações dessa marcação para o papel da mulher na Ciência.

As manifestações pessoais dessas mulheres cientistas, nas apresentações do evento sobre a realização de suas pesquisas deixaram à mostra papéis sociais que as ligam à maternidade e revelam a importância dessa marcação. Os excertos de falas a seguir mostram as apresentações pessoais feitas ao longo do momento de abertura das falas das participantes no vídeo analisado, referindo-se à maternidade das mulheres cientistas, todas proferidas pela professora Michelle Moraes, mediadora do evento e, em alguns casos, também presentes no Currículos Lattes das professoras:

(3) “Mãe de dois filhos: Sofia de 9 anos e Benício de 7 anos.”⁶ Aline Cristiane Pan (UFRGS)

(4) “Mãe de duas meninas e um menino” Carla Giovana Cabral (UFRN)

(5) “Mãe de uma menina” Danielle Costa (UFPA)

(6) “Mãe de Gêmeos” Erondina Azevedo de Lima (UnB/IF)

Dessa forma, podemos notar como a indicação da maternidade entre essas mulheres apresenta-se como investimento retórico na busca por transgredir espaços hegemônicos de alocação massiva de homens. Entretanto, o movimento de afirmação da maternidade reflete-se como resistência no âmbito acadêmico que evidencia o somatório de atividades cotidianas para mulheres que atuam também no cuidado de suas filhas e filhos. De acordo com Naoe, Diseró e Aragaki (2019) isso faz com que estas mulheres se afastem da carreira mesmo que temporariamente para exercer a maternidade.

6 Ao consultar o Currículo Lattes da professora, é possível observar que além da menção do nome dos filhos e de seus respectivos anos de nascimento, a professora menciona o movimento que estimula esse tipo de identificação. Segundo ela, trata-se da campanha em apoio ao movimento #maternidadenolattes e Parent in Science.

Portanto, no acúmulo de implicações de afazeres de mulheres, mães, cientistas e vivenciando condições sanitárias desfavoráveis, ao assumirem identidades maternas, as participantes do evento *online*, apontam para transgressões dos moldes acadêmicos tradicionais e, por conseguinte, de currículos que estejam mais comprometidos com a responsabilidade social no tocante às relações de gênero.

A seguir, serão realizadas as considerações analíticas das falas das participantes do evento com a finalidade de identificar como cada uma dessas categorias são apresentadas em diálogo com os desafios enfrentados para atuar em projetos que possuem no seu título e nos objetivos a marca das questões de gênero e de que modo as materialidades discursivas registradas podem se ampliar para diálogos na formação inicial de docentes na área de Ciências Naturais. A categoria final congrega todas as outras dando inteligibilidade ao metatexto, ou seja, ao novo emergente de compreensão dada pelo fenômeno observado (Moraes; Galiazzi, 2013). Além disso, as pautas aventadas e consideradas importantes para a produção textual acadêmica na formação docente em Ciências naturais e que tenham como motivação as questões de gênero serão indicadas à luz dos desafios enfrentados ao longo do desenvolvimento dos projetos e para a pauta sobre as mulheres nas respectivas áreas de abrangência das atividades desenvolvidas em cada Região do Brasil.

DESAFIOS ENFRENTADOS E IMPACTOS DOS PROJETOS

No último turno de falas das participantes, posterior à intervenção da mediadora agradecendo às professoras, elas são interpeladas sobre os desafios e os impactos dos projetos e ações desenvolvidas no escopo do debate sobre as relações de gênero. Assim, por considerarmos que é o momento em que cada participante reavalia, complementa e encerra sua participação, as categorias finais estão sendo tomadas como aquelas que poderão congrega e dialogar com as anteriores em observância às possibilidades de ampliações e potencialidades de debates para futuras contribuições científicas e que instigam transformação da sociedade, coadunando com o que afirma Moraes; Galiazzi, (2013), ao assegurar que: “um texto se faz e refaz em um processo de o autor assumir-se sujeito na reconstrução social da realidade” (p. 213). Dessa forma, tomamos desafios e impactos como as categorias finais do evento discursivo analisado.

No que concerne aos desafios enfrentados, há a recorrência de aspectos relacionados ao apoio financeiro dos projetos tanto para a estruturação inicial como para os desdobramentos das ações como: participação em eventos acadêmicos, desenvolvimentos de material de divulgação, manutenção de página na *Web* e outras atividades que exigem recursos. A problemática das dificuldades financeiras foi mencionada pelas cinco participantes, ou seja, nas instituições das cinco regiões do Brasil.

O impasse para a participação de eventos e manutenção de meios de comunicação interfere diretamente no fortalecimento das atividades em face da necessidade de parcerias interinstitucionais, as quais foram evidenciadas ao ressaltar a parceria institucional de diversas regiões do Brasil e do exterior quando analisamos o momento de abertura do evento em seus aspectos retóricos de apresentação. Além disso, a escassez de recursos para manter a página da *Web* onde possam circular as produções e divulgações vai de encontro ao princípio de “ecossistema comunicativo”, isto é, o saber disperso e diluído para além de espaços prescritivos, canônico e sagrados onde possam ser administrados por agentes sociais que se pretendam detentores do saber (Mártin-Barbero, 2000).

De acordo com três das palestrantes, um dos motivos que interfere no frágil apoio financeiro das ações é porque a temática de gênero é preterida e, portanto, vista como proposta irrelevante enquanto pesquisa e, constantemente, confrontada pelos pares e, algumas vezes pela gestão institucional sob indagações e investidas da flexibilização dos projetos para a inserção de estudantes do sexo masculino. Somado a isso, há impasses no que se refere às burocracias que se revelam mais rígidas para os projetos dentro da temática em tela. Ressalta-se, portanto, a ocupação majoritária de homens em cargos de gestão. Ainda que a inserção de mulheres docentes nas universidades tenha sido crescente, tal crescimento não se expressa na ocupação de cargos de gestão.

Apesar de soar como atitude inclusiva e democrática ao propor a presença de homens nos projetos voltados ao protagonismo de meninas e mulheres, a sugestão da administração superior dialoga com o que é apresentado por Schiebinger (2001) ao aludir que são preconceitos que persistem velados em ações que aparentam ser bem-intencionadas e, ainda, de acordo com a autora, tais preconceitos coadunam com outros mais ostensivos. Apesar de compreendermos que a discussão também precisa ser feita entre o grupo de estudantes

homens, o objetivo maior dos projetos é incentivar o protagonismo de mulheres nessas áreas que, historicamente, já possuem a presença massiva de homens.

Além das questões de gênero, as participantes destacam dificuldades de adesão a outras temáticas como raça e etnia, pautas importantes na universidade. Somada a estas, poderíamos refletir sobre pautas como: classe social, geração (etarismo), mulheres com deficiência (capacitismo), nacionalidade e questões humanitárias atreladas aos processos de acolhida a famílias em situação transitória e/ou permanente de migração entre outros. A ampliação dessas outras demandas sociais demonstra o investimento metodológico da análise por ora realizada no que tange às categorias que estejam abertas às novidades para além do que emerge do texto bem como de novas constatações futuras e motivação para leituras e escritas no espaço acadêmico no curso da formação de docentes na área de Ciências.

O desafio da evasão foi mencionado por três das cinco participantes. Apesar da presença de participantes voluntários em alguns projetos, é destacada a inconsistência de propósitos da articulação de projetos que visam a emancipação e autonomia de meninas quando as atividades desenvolvidas por elas não são valorizadas do ponto de vista do financiamento, sofrendo restrições na oferta de bolsas e outros tipos de apoios financeiros pelas instituições de ensino, fato esse que, por vezes, deflagra na evasão, tanto das atividades dos projetos quanto da universidade.

Além disso, há opções que ampliam parcerias e que criam coletivos de solidariedade e colaboração com os projetos, trata-se da ajuda de consultorias aos projetos com mulheres que apoiam a pauta e parcerias com projetos de ex-alunas e alunas/os que retroalimentam a universidade e as ações desenvolvidas com a oferta de mentorias e também apoiando financeiramente. Nesse ponto, é destacada a importância da REDE como lugar de encontro e de esperança, conforme menciona uma das palestrantes ao afirmar: *Eu trabalho muito só, mas o contato com a REDE me ajustou a ter mais esperança*. Nesse sentido, notamos o valor atribuído às experiências coletivas de mulheres (Soares; Machado, 2017) e o crescimento de ações mediadas pelo ciberespaço em diálogo com a pauta do ciberfeminismo vistos como espaço de inclusão e solidariedade, conforme abordamos em nosso referencial teórico.

De acordo com o exposto, as ações desenvolvidas precisam de práticas de ensino que viabilizem a parceria entre programas, projetos e atividades que já foram concluídas juntamente com outras atividades que estejam em pleno curso das ações. O caminho de coletivos e redes de apoio em todas as áreas e temáticas se faz impreterível no âmbito acadêmico, todavia, reconhecer fragilidades, falta de reconhecimento e desvalorização de pautas emergentes como as relações de gênero conclama as ações pré-existentes a fornecerem apoio e incentivo às demais.

Ainda no que concerne aos desafios, ao descrever situação de assédio no espaço acadêmico, as autoras participantes do evento discursivo do vídeo destacam também questões atreladas às suas experiências durante a gravidez e a maternidade enquanto realizavam suas graduações e pesquisas no âmbito acadêmico. Nesse contexto, a evasão de mulheres grávidas deve ser urgente no âmbito acadêmico e, segundo as participantes da mesa, políticas de inclusão dessas mulheres e criação de coletivos como o da RBMC são criados para fortalecer a representação e a busca de suportes da saúde mental ou bolsas voltadas às vulnerabilidades sociais de mulheres grávidas e mães.

Os apontamentos sobre as dificuldades atreladas às mulheres cientistas e à maternidade, além de terem sido discutidos na análise das apresentações pessoais das participantes, encontram agora diálogo com as dificuldades encontradas no desenvolvimento das ações. Assim, podemos identificar como suas apresentações iniciais visavam, desde a abertura do evento discursivo reafirmarem-se em resposta à constante negação de espaço. Assim, as narrativas sobre a maternidade, em paralelo com a formação de mulheres cientistas coaduna com o que as autoras Silva e Ribeiro (2014) investigaram ao realizarem entrevistas com seis mulheres pesquisadoras ligadas às áreas de Engenharia, Farmácia, Biologia e Computação no intuito de desvelar, em suas trajetórias, os contrastes e semelhanças na dupla agência entre ser Mulher e ser Cientista. Na investigação foram apontados aspectos do preconceito de gênero na ciência e a necessidade de conciliação das mulheres entre família, maternidade vida acadêmica.

Na referida pesquisa, as narrativas das entrevistadas foram analisadas a partir da ótica das ressignificações de percursos, acontecimentos, representações particulares e dos outros e que se coloca em dinâmica social a partir da perspectiva social e cultural dos sujeitos. Isto é, do mesmo modo, podemos conceber as narrativas que

emergem do vídeo analisado, uma vez que, recorrentes vezes, as mulheres narram fatos de assédio decorrentes de terem ficado grávidas ao longo da formação acadêmica.

A questão do currículo foi aventada por umas das participantes que atuava em disciplinas com foco nas questões de gênero associadas à formação em Ciências e Tecnologia. Em sua apresentação final, destacou-se como desafio a necessidade de sensibilização por meio da implementação de currículos que atendam à pauta em discussão tanto na formação inicial para o ensino de ciência quando na formação continuada. Ou seja, além das ações de projetos, há, ainda, a urgência de que o currículo seja explícito quanto às relações de gênero para que o debate não esteja isolado nas ações pontuais dos projetos e para que se encontre adesão da temática a nível institucional.

Para o conhecimento e circulação das atividades desenvolvidas, a produtividade e multiplicação das ações por meio de relatórios, publicações científicas e outros textos gestados e motivados pelos projetos poderão ser usados nas atividades pedagógicas com foco no ensino de produção textual e de aspectos relacionados à linguagem, argumentação científica e escrita acadêmica. Entretanto, Fischer (2008) nos adverte que é preciso tomar precauções quanto ao caráter de futuridade de algumas propostas pedagógicas na educação, uma vez que não é possível prever em quais atividades futuras que os sujeitos irão se engajar. Por outro lado, é positivo estimular os e as estudantes a perceberem que o funcionamento do meio acadêmico é uma rede complexa de sentidos e que os textos circulantes surgem de práticas sociais e culturais situadas e que são desenvolvidas dentro das ações nas quais a universidade dialoga com pautas emergentes que expressam relações de poder diversas (Fischer, 2008).

Finalmente, as mencionadas ações voltadas às mulheres não deverão ficar restritas à universidade, pois, para que sejam beneficiadas, as meninas e jovens da educação básica precisam ter tido oportunidades de chegarem ao universo acadêmico sem que seus anseios por formações nas áreas de Ciências, Tecnologias, Engenharias e Matemática sejam preteridos ao longo da formação inicial básica. Ou seja, da educação infantil à Pós-graduação, é necessário investir em ações que positivem e deem o valor necessário à presença feminina, assunto que deve contemplar todos os níveis de ensino e impactar mudanças sociais efetivas.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Baseando-se na análise realizada, notamos o diálogo do evento comunicativo caracterizado como Mesa Redonda ampliando-se para a reverberação do contato com outros gêneros do discurso que emergem na sociedade, como é o caso dos *podcasts científico*. Cabe, por parte dos educadores/as responsáveis pela formação de docentes, dentro das quais circulam debates sobre a mulher na Ciência, pautar essas demandas de modo que o fluxo das redes se conecte ao da academia e possibilite o trânsito de conhecimento de um campo a outro em um manuseio de sentidos e repertório crítico reflexivo (Fischer, 2008), atento para o fato de que esse não é papel apenas de docentes da área de linguagem que atuam nos cursos de Ciências, mas de todo o corpo docente.

Além disso, destaca-se outras rotas de possibilidades para a retextualização das temáticas em âmbito acadêmico, no que se refere as dicas dadas por algumas apresentadoras de outras páginas virtuais sobre os assuntos em voga, bem como outros gêneros discursivos que podem ser explorados, como é o caso de *podcasts*, de outras redes sociais, outros canais alimentados com conteúdo das ações desenvolvidas, por exemplo: as ações da Região Sudeste, da Unicamp, com os *podcasts* Prato de Ciência o *podcast* Oxigênio e as ações da Região Sul, da UFRGS, com o canal da Rede Brasileira de Mulheres na Energia Solar, o qual apresenta dados científicos importantes sobre a atuação das mulheres no referido setor e os assédios e violência sofridos por elas.

O evento comunicativo denominado “Trabalhando por mais meninas e mulheres na Ciência e Tecnologias: experiências nas cinco regiões do Brasil” realizado pela Rede Brasileira de Mulheres Cientistas RBMC pode ser utilizado como recurso que mobiliza diversos argumentos e sentidos na pauta sobre relações de gênero, seja em sua concepção de formato presando pela retórica de apresentação pessoal e institucional das mulheres, seja pelas ações desenvolvidas nas atividades e projetos que participam. É possível contribuirmos com a reverberação e discussão de mais enfrentamentos e busca por intervenções educativas com o uso das materialidades discursivas geradas e registradas em redes diversas.

As demandas e reivindicações das mulheres participantes do evento constituem-se como tópicos imprescindíveis e urgentes para debates em espaço de formação de docentes de Ciências Naturais e nas demais

áreas que estão filiadas. A atuação e formação mediada por atividades voltadas à geração de argumentos, produções acadêmicas na disciplina de produção textual e desdobramentos que visem o Letramento Acadêmico em perspectivas de ensino crítico da linguagem e que friccionem de modo problematizador o currículo tradicional de Ciências tem muito a se fortalecer com as produções de mulheres cientistas que se colocam no ciberespaço e necessitam que suas narrativas circulem via proposições de temáticas no ensino de linguagem e na produção textual acadêmica.

Assim, ao abordar resistência, inclusão e solidariedade entre as mulheres, podemos ampliar o conceito de presença para além da ocupação, vendo-o, portanto, como dinâmica de fricção e transgressão frente à sociedade dominada por modelos patriarcais e, dessa forma, refletirmos sobre discursos sobre a Ciência, a Tecnologia e a Sociedade de modo a validar a presença do feminino no espaço acadêmico na busca por equidade no que tange às relações de gênero, utilização do ciberespaço como recurso potente de mobilização social, produção de saberes no espaço acadêmico e na vigilância de assédios contra as mulheres, como é o caso da última atualização do canal da Rede Brasileira de Mulheres na Ciência, no *YouTube*, com a atualização da *live* intitulada: “Como encaminhar as denúncias de assédios”.

Constata-se, portanto, que por meio de coletivos solidários de mulheres que surgiram durante a pandemia e que, mesmo após esse momento, seguem oportunizando a construção de debates, do conhecimento e, principalmente de intentos de reflexões e concepções críticas do currículo de Ciências ao considerarmos que, em momentos adversos, como foi o caso da pandemia, revelou-se que as construções humanas e históricas da sociedade implicam em movimentos ativos na busca por equidade nas relações de gênero utilização do ciberespaço como recurso potente na organização de coletivos inclusivos e solidários tendo a linguagem como lugar comum.

CONTRIBUIÇÃO DOS AUTORES

Conceitualização: SOUSA, FR; SANTOS, AC; **Curadoria de dados:** SOUSA, FR; SANTOS, AC; **Análise formal:** SOUSA, FR; SANTOS, AC; **Obtenção de financiamento:** FAPEAL; **Pesquisa:** SOUSA, FR; SANTOS, AC; **Metodologia:** SOUSA, FR; SANTOS, AC; **Administração do projeto:** SOUSA, FR; **Supervisão:** SANTOS, AC; **Redação - Preparação do rascunho original:** SOUSA, FR; **Redação - Revisão e edição:** SOUSA, FR; SANTOS, AC.

DISPONIBILIDADE DE DADOS DE PESQUISA

Todos os dados foram gerados ou analisados nesse estudo.

FINANCIAMENTO

Fundação de Amparo à Pesquisa de Alagoas (FAPEAL) mediante o processo E:60030.0000001098/2022

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à Rede Brasileira de Mulheres Cientistas (RBMC) pela disponibilidade da materialidade discursiva analisada e às pessoas que administram as redes sociais e o Canal da RBMC, no *YouTube*, por nos atender (via mensagens) em alguns momentos de dúvidas sobre a alocação do vídeo.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Neuma (org). **Gênero e Ciências Humanas: desafio às ciências desde a perspectiva das mulheres.** Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997.

ALBU, Debora. **Ciberfeminismo no Brasil: construindo identidades dentro dos limites da rede.** In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO O GÊNERO, 11. WOMEN'S WORLDS CONGRESS, 13th. (Anais Eletrônicos), 2017, Florianópolis. Disponível em: http://www.en.www2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1499481800_ARQUIVO_Modelo_Texto_completo_MM_FG_DEBORAALBU.pdf. Acesso em: 20 abr. 2023.

BRAIDOTTI, Rosi. **Cyberfeminism with a difference.** New Formations, n. 29, 1996. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/48320469_Cyberfeminism_with_a_difference. Acesso em: 26 maio 2023.

CASTELLS, Manuel. **O poder da comunicação.** Trad. Vera Lúcia Mello Joscelyne. 1. ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Paz e Terra. 2015. 629 p.

CONNELL, Raewyn. Questões de gênero e justiça social. **Século XXI – Revista de Ciências Sociais**, Santa Maria, v. 4, n. 2, p. 11–34, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/seculoxxi/article/view/17033>. Acesso em: 20 abr. 2023.

FISCHER, Adriana. **Letramento Acadêmico: uma perspectiva portuguesa.** Revista Acta Scientiarum – Language and Culture, Maringá, v.30, n.2, p. 177-187, jul./dez. 2008. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciLangCult/article/view/2334/2334>. Acesso em: 20 abr. 2023.

GUEDES, Raquel da Silva. **As mulheres na Ciência e tecnologia: uma história a ser escrita.** Campina Grande: Editora Amplla, 2022. *E-book*. Disponível em: <https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/700990/2/MulheresnaCienciaeTecnologia.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2023.

LAGARDE, Marcela. Pacto entre mujeres: sororidad. Aportes para el debate, n. 18 p. 123-135. 2006. Disponível em: <https://www.asociacionag.org.ar/pdfaportes/25/09.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2023.

LEA, Mary; STREET, Brian. O modelo de letramentos acadêmicos: teorias e aplicações. Tradução: Fabiana Cristina Komesu e Adriana Fischer, 2014. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/307671453_O_modelo_de_letramentos_academicos_teorias_e_aplicacoes. Acesso em: 20 maio 2023.

LEMOS, André. Cibercultura. Alguns pontos para compreender a nossa época. In LEMOS, André; CUNHA, Paulo (org.). **Olhares sobre a cibercultura.** Porto Alegre: Sulina, 2003. p. 11-23.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Desafios culturais da comunicação à educação. **Comunicação & Educação**, São Paulo (SP), n. 18, p. 51–61, 2000. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/36920>. Acesso em: 9 abr. 2023.

MARTINEZ-PÉREZ, Leonardo Fabio. **Questões sociocientíficas na prática docente: ideologia, autonomia e formação de professores.** São Paulo: Editora Unesp, 2012. 360 p. *E-book*. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/bd67t>. Acesso em: 15 abr. 2023.

MORAES, Roque; GALIAZZI, Maria do Carmo. **Análise textual discursiva.** - 4.ed.- Ijuí: Editora da Unijuí, 2013.

NAOE, Aline; DISERÓ, Brun; ARAGAKI, Caroline. Mulheres fazem ciência, mas ainda estão longe do topo. **Jornal da USP**, São Paulo, 2019. Disponível em: <https://jornal.usp.br/universidade/mulheres-fazem-ciencia-mas-ainda-estao-longo-do-topo/>. Acesso em: 14 abr. 2023.

SANTAELLA, Lucia. **Culturas e artes do pós-humano**: da cultura das mídias à culturas e artes do pós-humano: Da cultura das mídias à cibercultura. São Paulo: Paulus, 2003.

SANTOS, Edméa. **Pesquisa-formação na Cibercultura**. Santo Tirso, Portugal: Whitebooks, 2014. 199 p.

SCHIEBINGER, Londa. **O Feminismo Mudou a Ciência?** 2. ed, São Paulo: Edusc, 2001.

SILVA, Ivanderson Pereira da; LIRA, Mayara Teles Viveiros de; VOSS, Lilian Kelly de Almeida Figueiredo. Uma análise interseccional dos limites e potencialidades revolucionárias de vídeos do *youtube* a partir da perspectiva antirracista de Rita Von Hunt no canal “Tempero Drag”. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, v. 15, n. 34, p. 17266, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/revtee/article/view/17266>. Acesso em: 9 abr. 2023.

SILVA, Fabiane Ferreira da; RIBEIRO, Paula Regina Costa. Trajetórias de mulheres na ciência: ‘ser cientista’ e ‘ser mulher’. **Ciência & Educação**, v. 20, n. 2, p. 449-466, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ciedu/a/wNkT5PBqydG95V9f4dJH4kN/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 jul. 2023.

SOARES, Lissandra Vieira ; MACHADO, Paula Sandrine. “Escrevivências” como ferramenta metodológica na produção de conhecimento em psicologia social. In. PEPSIC, 2017. Disponível em: <http://twixar.me/syNT>. Acesso em: 14 jul. 2023.

THELANDERSSON, Fredrika. A Less Toxic Feminism: Can the Internet Solve the Age Old Question of How to Put Intersectional Theory into Practice? **Feminist Media Studies**, v. 14, n. 3, p. 527-530, 2014. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/14680777.2014.909169>. Acesso em: 10 jul. 2023.

TRIVINHO, Eugênio. **A dromocracia cibercultural**: lógica da vida humana na civilização mediática avançada. São Paulo: Paulus, 2007.

WILDING, Faith. **Where’s the feminism in cyberfeminism?** Paradoxa: international feminist art journal, v. 2, 1998. p. 6-13. Disponível em: https://monoskop.org/images/8/82/Wilding_Faith_1998_Where_is_the_Feminism_in_Cyberfeminism.pdf. Acesso em: 10 jul. 2023.